



SILVANA LAURENÇO LIMA

**EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA NA ESCOLA PÚBLICA: UMA PROPOSTA
PARA A (DES)CONSTRUÇÃO DA PRÁXIS POR MEIO DE MÚSICAS E
TEMAS VIVENCIAIS**

GOIÂNIA
2022

SILVANA LAURENÇO LIMA

**EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA NA ESCOLA PÚBLICA: UMA PROPOSTA
PARA A (DES)CONSTRUÇÃO DA PRÁXIS POR MEIO DE MÚSICAS E
TEMAS VIVENCIAIS**

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica como requisito para obtenção para o título de Mestre(a) em Ensino na Educação Básica

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica

Linha de Pesquisa: Concepções teórico-metodológicas e práticas docentes

Orientador (a): Dra. Letícia de Souza Gonçalves

GOIÂNIA
2022

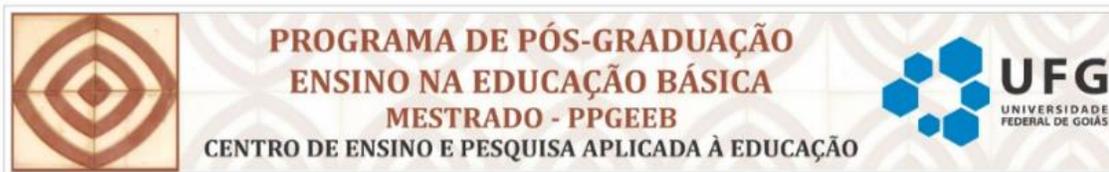
Ficha catalográfica (Verso da Folha de Rosto)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO



ATA DE EXAME DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO E DO PRODUTO EDUCACIONAL

Aos vinte nove dias do mês de junho do ano 2022, às 14:00 horas, via teleconferência, foi realizada a **Defesa de Dissertação** intitulada **SINGING MY SONG: (RE)SIGNIFICANDO A EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA MEDIADA POR MÚSICA**, e dos Produtos Educacionais intitulados: **EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA NA ESCOLA PÚBLICA: Uma proposta para a (des)construção da práxis por meio de músicas e temas vivenciais**, pelo(a) discente **SILVANA LAURENÇO LIMA**, como pré-requisito para a obtenção do Título de Mestre em Ensino na Educação Básica. Ao término da defesa, a Banca Examinadora considerou a Dissertação e o Produto Educacional apresentados **APROVADOS**.

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica

Proclamado o resultado, o(a) Presidente encerrou os trabalhos e assinou a presente ata, juntamente com os membros da Banca Examinadora.

Profa. Dra. Letícia de Souza Gonçalves (CEPAE/UFG) –presidente,

Profa. Dra. Roberta Carvalho Cruvinel (CEPAE/UFG) – membro interno,

Profa. Dra. Viviane Pires Viana Silvestre (UEG) -membro externo,

Prof. Dr. Newton Freire Murce Filho (CEPAE/UFG)- membro suplente interno.

Profa. Dra. Carla Conti de Freitas (UEG) - membro suplente externo.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA

SINGING MY SONG: (RE)SIGNIFICANDO A EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA MEDIADA POR MÚSICAS E TEMAS VIVENIAIS



Documento assinado eletronicamente por **Letícia De Souza Gonçalves, Professor do Magistério Superior**, em 04/07/2022, às 14:54, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Roberta Carvalho Cruvinel, Professor do Magistério Superior**, em 04/07/2022, às 15:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Viviane Pires Viana Silvestre, Usuário Externo**, em 05/07/2022, às 11:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2983055** e o código CRC **EA0DC0E6**.

TIPO DE PRODUTO EDUCACIONAL

(De acordo com a Resolução PPGEEB/CEPAE Nº 001/2019)

Cursos de curta duração e atividades de extensão, como cursos, oficinas, ciclos de palestras, exposições diversas, olimpíadas, expedições, atividades de divulgação científica e outras;

Especificação: Oficina

DIVULGAÇÃO

- () Filme
- () Hipertexto
- () Impresso
- (X) Meio digital
- () Meio Magnético
- (X) Outros. Especificar: Oficina

FINALIDADE PRODUTO EDUCACIONAL

Oficina para o ensino de língua inglesa em uma perspectiva crítica em escolas públicas de Goiás, com ênfase em professoras/es que ensinam inglês do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental.

PÚBLICO-ALVO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Esse produto tem como público-alvo professoras/es de língua inglesa do estado de Goiás, com a possibilidade de alcançar professoras/es de todo Brasil.

IMPACTO DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional apresenta

- () **Alto impacto** – Produto gerado no Programa, aplicado e transferido para um sistema, no qual seus resultados, consequências ou benefícios são percebidos pela sociedade.
- (x) **Médio impacto** – Produto gerado no Programa, aplicado no sistema, mas não foi transferido para algum segmento da sociedade.
- () **Baixo impacto** – Produto gerado apenas no âmbito do Programa e não foi aplicado nem transferido para algum segmento da sociedade.

Área impactada pelo Produto Educacional

- Ensino
- Aprendizagem
- Econômico
- Saúde
- Social
- Ambiental
- Científico

O impacto do Produto Educacional é

Real - efeito ou benefício que pode ser medido a partir de uma produção que se encontra em uso efetivo pela sociedade ou que foi aplicado no sistema (instituição, escola, rede, etc). Isso é, serão avaliadas as mudanças diretamente atribuíveis à aplicação do produto com o público-alvo.

Potencial - efeito ou benefício de uma produção previsto pelos pesquisadores antes de esta ser efetivamente utilizada pelo público-alvo. É o efeito planejado ou esperado.

O Produto Educacional foi vivenciado (aplicado, testado, desenvolvido, trabalhado) **em situação real, seja em ambiente escolar formal ou informal, ou em formação de professores** (inicial, continuada, cursos etc)?

Sim Não

Em caso afirmativo, descreva essa situação: situação

O produto educacional foi usado com um grupo de 12 professoras/es, sendo 10 do estado de Goiás e duas do estado de São Paulo, em forma de oficina, com 10 horas de duração, as quais foram divididas em dois encontros na modalidade remota com atividades síncronas e assíncronas.

REPLICABILIDADE ABRANGÊNCIA DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional pode ser repetido, mesmo com adaptações, em diferentes contextos daquele em que o mesmo foi produzido.

Sim Não

A abrangência territorial do Produto Educacional, que indica uma definição precisa de sua vocação, é

Local Regional Nacional Internacional

COMPLEXIDADE DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional possui

Alta complexidade - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese, apresenta método claro. Explica de forma objetiva a aplicação e análise do produto, há uma reflexão sobre o produto com base nos referenciais teórico e teórico-metodológico, apresenta associação de diferentes tipos de conhecimento e interação de múltiplos atores - segmentos da sociedade, identificável nas etapas/passos e nas soluções geradas associadas ao produto, e existem apontamentos sobre os limites de utilização do produto.

Média complexidade - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese. Apresenta método claro e explica de forma objetiva a aplicação e análise do produto, resulta da combinação de conhecimentos pré-estabelecidos e estáveis nos diferentes atores - segmentos da sociedade.

Baixa complexidade - O produto é concebido a partir da observação e/ou da prática do profissional e está atrelado à questão de pesquisa da dissertação/tese. Resulta do desenvolvimento baseado em alteração/adaptação de conhecimento existente e estabelecido sem, necessariamente, a participação de diferentes atores - segmentos da sociedade.

Sem complexidade - Não existe diversidade de atores - segmentos da sociedade. Não apresenta relações e conhecimentos necessários à elaboração e ao desenvolvimento do produto.

INOVAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional possui

Alto teor inovativo - desenvolvimento com base em conhecimento inédito.

Médio teor inovativo - combinação e/ou compilação de conhecimentos pré-estabelecidos.

Baixo teor inovativo - adaptação de conhecimento existente.

FOMENTO

Houve fomento para elaboração ou desenvolvimento do Produto Educacional?

Sim Não

Em caso afirmativo, escolha o tipo de fomento:

- Programa de Apoio a Produtos e Materiais Educacionais do PPGEEB
 Cooperação com outra instituição
 Outro. Especifique: _____

REGISTRO DE PROPRIEDADE INTELECTUAL

Houve registro de depósito de propriedade intelectual

Sim Não

Em caso afirmativo, escolha o tipo:

- Licença Creative Commons
 Domínio Público
 Patente
 Outro. Especifique: _____

Informe o código de registro: _____

Obs: (no caso de creative commons, informe link)

TRÂNSFERÊNCIA DO PRODUTO EDUCACIONAL

O Produto Educacional foi transferido e incorporado por outra instituição, organização ou sistema, passando a compor seus recursos didáticos/pedagógicos?

Sim Não

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DO PRODUTO EDUCACIONAL

(Apresentações ou publicações referentes à dissertação também podem ser consideradas)

O Produto Educacional foi apresentado (relato de experiência, comunicação científica, palestra, mesa redonda, etc) ou ministrado em forma de oficina, minicurso, cursos de extensão ou de qualificação etc. em eventos acadêmicos, científicos ou outros?

Sim Não

O Produto Educacional foi publicado em periódicos científicos, anais de evento, livros, capítulos de livros, jornais ou revistas?

Sim Não

REGISTRO(S) E DISPONIBILIZAÇÃO DO PRODUTO EDUCACIONAL

Produto Educacional Registrado na Plataforma **EduCAPES** com acesso disponível no link:

<http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/704528>

Produto Educacional disponível, como apêndice da Dissertação de Mestrado do qual é fruto, na **Biblioteca de Teses e Dissertações da Universidade Federal de Goiás** (UFG).

Link para acesso: <http://XXXXXX>

Outras formas de acesso:

(https://drive.google.com/file/d/19Dlj_i7jnIGIoKEgCRybFxrK5o4X2pUm/view?usp=sharing).

LIMA, Silvana Laurenço. **Educação Linguística na escola pública**: Uma proposta para a (des)construção da práxis por meio de músicas e temas vivenciais. 2022. 29f. Produto Educacional relativo à Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) – Programa de Pós Graduação em Ensino na Educação Básica, Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO.

RESUMO

O produto educacional é uma maneira de devolver para a escola pública e todo seu contexto o que foi desenvolvido, produzido e vivenciado ao longo de uma pesquisa acadêmica. Nesse sentido, com o intuito de propiciar atividades práticas, reflexões e discussões teóricas, como também o compartilhamento de vivências partindo de situações reais de uma sala de aula de inglês, foi elaborada uma oficina como produto educacional. Esta oficina é resultado da dissertação desenvolvida no Mestrado Profissional em Ensino na Educação Básica do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu do CEPAE/UFG, entre os anos de 2019 a 2022, intitulada “*Singing my song: (re)significando a educação linguística mediada por músicas e temas vivenciais*”. Foi uma oficina na modalidade remota, com carga horária de 10h, organizada em momentos síncronos e assíncronos por meio das plataformas digitais utilizadas pela UFG. Teve como público-alvo professoras/es de inglês da rede estadual e municipal de Goiás, com a participação de professoras/es de diferentes estados do país. A proposta desta oficina foi trabalhar a língua inglesa em uma perspectiva crítica, com base nas ações desenvolvidas durante a condução da pesquisa supracitada. A coleta de dados ocorreu por meio da observação das interações, das discussões e reflexões das/dos participantes, bem como por meio das produções e compartilhamento das experiências de sala de aula de cada participante.

Palavras-chave: Linguagem. Educação Linguística. Escola pública. Músicas. Temas vivenciais.

LIMA, Silvana Laurenço. **Language Education in the public school**: a purpose to a (re)building of a teaching practice through songs and experiential themes. 2022. 29f. Educational product related to the Dissertation Thesis (Master's Degree in Basic Education Teaching) – Graduate Program in Basic Education Teaching, Teaching and Research Applied in Education Center, Federal University of Goiás, Goiânia, GO.

ABSTRACT

The educational product is a way of giving back to the public school and its general context what was developed, produced, and experienced during the academic research. To provide practical activities, reflections, and theoretical discussions, as well as the sharing of experiences based on real situations in an English classroom, a workshop was created as an educational product. This workshop is the result of the master thesis developed in the Professional Master's in Teaching in Basic Education of the Stricto Sensu Graduate Program of CEPAE/UFG, from 2019 to 2022, entitled "Singing my song: (Re)signifying language education through songs and experiential themes". It was a workshop in the remote modality, with a workload of 10 hours, organized in synchronous and asynchronous moments through the digital platforms used by UFG. Its target audience was English language teachers from the state and municipal network of Goiás, reaching teachers from all over Brazil. The purpose of this workshop was to work the English language in a critical perspective, based on the actions developed during the Professional Master's in Teaching in Basic Education of the Stricto Sensu Postgraduate Program at CEPAE/UFG. Data collection was carried out through observation of interactions, discussions, and reflections of the participants, as well as the productions and sharing of each participant's classroom experiences.

Keywords: Language. Linguistic Education. Public Schools. Songs. Experiential themes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Divulgação da oficina.....	17
Figura 2 – Exemplo de certificado.....	18
Figura 3 - Print de tela do primeiro encontro – 9/04/2022	19
Figura 4 - Print de tela do segundo encontro – 30/04/2022.....	20
Figura 5 – Nuvem de palavras.....	21
Figura 6 – Temas vivenciais	23
Figura 7 – Produções das/os participantes da pesquisa	24

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. WORKSHOP: EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA NA ESCOLA PÚBLICA.....	16
1.1 PRIMEIRO ENCONTRO E COMPARTILHAMENTO DE EXPERIÊNCIAS	21
1.2 SEGUNDO ENCONTRO E COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS	26
1.3 AVALIAÇÃO	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS.....	31

INTRODUÇÃO

Como professora de inglês há mais de dez anos, uma situação que constantemente se fez presente em minha trajetória profissional foi a falta de cursos de aperfeiçoamento, minicursos, palestras e/ou oficinas direcionadas para professoras/es de línguas. Aproximar o que era discutido na academia com o que eu fazia em sala de aula sempre foi uma preocupação, tanto que fazer um mestrado voltado à educação básica foi a melhor maneira que encontrei em trazer as leituras e as discussões teóricas para a minha sala de aula; o movimento inverso também foi encorajador: levar o que fazia na escola para as discussões realizadas na academia. Esse movimento faz com que minha práxis seja constantemente questionada e aprimorada.

Nesse contexto, quando rascunhei uma proposta de uma oficina direcionada para professoras/es de línguas, tinha em mente uma oficina que tanto apresentasse conceitos teóricos quanto exemplos reais de como trazer a perspectiva crítica para a sala de aula de línguas. Ancorei-me, assim, em duas principais justificativas. A primeira diz respeito ao fato de que no início da minha carreira como professora não conseguia compreender o ensino de línguas que não fosse acerca da estrutura, do vocabulário, das pronúncias, ou seja, um ensino de línguas que considerava apenas aspectos linguísticos. Uma segunda parte do meu entendimento de que a elaboração e o desenvolvimento desta oficina me oportunizariam um melhor entendimento das diversas teorias aplicadas na prática. Para mim, este movimento foi importante pois, mesmo que eu tivesse muita leitura e discutido acerca de uma educação linguística, ainda não conseguia ver isso em minha práxis e não tinha exemplos concretos de como fazer isso. Nesse sentido, pensar em uma oficina que pudesse proporcionar um contato com a teoria e a prática – contato este que sempre existiu uma vez que uma alimenta a outra, foi a melhor escolha para ser o produto educacional da minha pesquisa e espero que esta oficina possa contribuir para o aprimoramento de outras/os professoras/es e estudos acadêmicos.

O produto educacional é uma maneira de devolver à escola pública e todo seu contexto o que foi desenvolvido, produzido e vivenciado ao longo de uma pesquisa acadêmica. As escolas de educação básica, de acordo com o documento de área no artigo 46 da CAPES, são lugares “de formação e de produção de conhecimento, bem como espaços nos quais os resultados das pesquisas

podem e devem ser disseminados pela interação com as instituições que mantêm os programas de Pós-Graduação” (BRASIL, 2019, p. 16).

De acordo com Junior e Oliveira (2015) as oficinas propiciam, por meio de atividades práticas, reflexões teóricas a partir de uma realidade concreta. Nesse sentido, esta proposta de oficina, intitulada “**Educação Linguística na escola pública**: Uma proposta para a (des)construção da práxis”, tem como objetivo primordial oferecer um espaço para discussões e construção de conhecimento às/aos docentes de língua inglesa, bem como, outras/os professoras/es que também tenham interesse em utilizar as músicas nas aulas de inglês por meio de uma concepção crítica. Esta oficina é resultado da minha dissertação desenvolvida no Programa de Mestrado Profissional em Ensino na Educação Básica, da Universidade Federal de Goiás (UFG), entre os anos de 2019 a 2022, intitulada “*Singing my song*: (re)significando a educação linguística mediada por músicas”.

Os objetivos específicos desta oficina são (i) oportunizar um material direcionado para uma educação linguística mediada por músicas e (ii) contribuir com reflexões e discussões sobre a perspectiva crítica de ensino de inglês como prática social na educação pública a partir de temas vivenciais. Nesse sentido, esta oficina se configura como uma proposta de compartilhamento de experiências que podem vir a oportunizar outras/os participantes a um trabalho mais reflexivo no ensino de línguas, e que possa colaborar para a expansão dessa perspectiva que pode sobremaneira chegar às salas de aula, auxiliando às/aos educadores e aproximando-as/os à educação linguística da escola pública.

Além disso, acredito que esta oficina pode propiciar às/aos participantes um espaço para aprimorarem seus conhecimentos acerca da educação linguística, ou dela tomem ciência. Para tanto, coloco-me à disposição para realizar esta oficina em congressos, seminários, eventos educacionais, entre outros. O material utilizado está disponível tanto em um link do Google Drive (https://drive.google.com/file/d/19Dlj_j7jnIGIoKEgCRybFxrK5o4X2pUm/view?usp=sharing) quanto na plataforma EduCAPES, para que outras/os professoras/es possam utilizar em sua sala de aula e/ou replicar para outras/os professoras/es.

1. WORKSHOP: EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA NA ESCOLA PÚBLICA

Uma das histórias únicas sobre a escola pública que é repassada comumente e já se tornou um senso comum é de que não se aprende inglês nela ou de que, quando se aprende algo, é apenas o verbo *to be*. Esta oficina se faz importante e imprescindível justamente porque ela comprova o contrário, isto é, pude perceber que sim, é possível aprender inglês na escola pública e que também existe a possibilidade de se construir conhecimentos além do verbo *to be*. A título de exemplo, o uso de temas vivenciais (REZENDE, 2017) e culturais nas aulas de línguas. Nesse sentido, defendo uma educação linguística na educação pública, para que minhas/meus estudantes e outras/os de diferentes escolas e de diferentes regiões do Brasil, compreendam e possam fazer uso das línguas como uma prática social (BAKHITIN, 2006).

Acredito que educar linguisticamente vai muito além de aprender uma língua e sobre uma língua. Compreendo que educar linguisticamente é uma forma de oferecer às/aos estudantes uma oportunidade de refletirem, pensarem, agirem, expressarem, questionarem e defenderem seus pontos de vista por meio da língua; em síntese, uma forma de atuarem no mundo. Assim, a educação linguística é um ato político. Acerca do seu papel político, no caso deste estudo na escola pública, Silvestre (2015, p. 65) alerta que

[...] a evidência do papel político do ensino de LE/LA na escola regular, fundamentado por questões não apenas linguísticas, mas também culturais, ideológicas e sociais. Confere-se ao estudo da LE/LA um caráter educativo e crítico, que possibilite ao aluno e à aluna, bem como a seu professor ou à sua professora (re)pensar sobre a diversidade que o/a constitui e constitui o mundo.

Partindo dessa premissa, busquei desenvolver esta oficina, pensando em discutir concepções teóricas, produzir conhecimento e compartilhar a práxis de uma educação linguística presente no chão da escola pública, onde percebo que as desigualdades e as injustiças sociais são mais atenuadas. Mas por quê uma oficina? Acredito que esta é uma alternativa de se tentar promover a vivência de experiências reais aliadas às teorias. De acordo com Vieira e Volquind (2002, p. 11), as oficinas se configuram como

[...] uma forma de ensinar e aprender, mediante a realização de algo feito coletivamente. Salienta-se que oficina é uma modalidade de ação. Toda oficina necessita promover a investigação, a ação, a reflexão; combina o trabalho individual e a tarefa socializadora; garantir a unidade entre a teoria e a prática.

Dessa maneira, compreendo que as oficinas podem viabilizar a construção e o compartilhamento de experiências e de conhecimento, por meio de leituras, reflexões teóricas e atividades práticas, tendo como ponto de partida o contexto das/os participantes. Sendo assim, acredito que a oficina além de ter oportunizado às/aos participantes um espaço produtivo para a realização de discussões e reflexões, permitiu também que fossem realizadas avaliações das atividades aplicadas e compartilhadas por mim e por elas/es. Esta oficina propiciou, de fato, uma educação linguística partindo de uma situação real, não comum, porém significativa ao âmbito da escola pública.

Inicialmente, esta proposta de oficina foi pensada para alcançar professoras/es de língua inglesa das redes estadual e municipal de Goiânia, Goiás; contudo, por conta do escasso tempo para a concretização desta oficina, optei por oferecê-la para um número considerável de professoras/es que fazem parte do Grupo de estudos de professoras/es de língua inglesa de Goiás – GEPLIGO. Devido ao fato de eu também fazer parte desse grupo de estudos, tive a oportunidade de compartilhar minha proposta de oficina¹, para pessoas de outras cidades de Goiás e de outros estados do Brasil. Abaixo, apresento a arte desenvolvida por mim e utilizada para a divulgação desta oficina.

Figura 1 -Divulgação da oficina

O cartaz de divulgação da oficina apresenta o seguinte conteúdo:

- PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA MESTRADO - PPGEEB** (com logotipo UFG)
- CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO**
- MESTRANDA:** Silvana Laureço Lima
- ORIENTADORA:** Dra. Leticia de Souza Gonçalves
- OFICINA:** Educação Linguística Crítica na escola pública: uma proposta para a (Des)construção da práxis.
- Finalidade:** Proposta de ensino de língua inglesa em uma perspectiva crítica e sua aplicabilidade nas escolas públicas, destinado a professoras/es de inglês.
- Certificado de 10h** (com ícone de certificado)
- Dados/horário:**
 - Encontro 1: 09/04/2022 (8h – 11h)
 - Encontro 2: 30/04/2022 (8h – 11h)
- ABERTAS** (com ícone de cadeado aberto)
- Link:** <https://forms.gle/Dt vHwbqswAL2pzvH6>

Fonte: Dados da pesquisadora.

¹ Compartilhei o cartaz da oficina no grupo de *WhatsApp* do grupo de estudo GEPLIGO.

Esta oficina aconteceu em dois encontros remotos. A escolha por serem encontros remotos se deu por duas razões relevantes: a primeira, devido à pandemia de COVID-19; a segunda, possibilidade de participantes de outros estados do Brasil. Cada encontro teve duração de três horas de atividades e interações síncronas adicionadas a duas horas de atividades assíncronas, totalizando 10 horas. As/os participantes que estiveram presentes nos dois dias da oficina e que cumpriram as atividades solicitadas receberam um certificado de participação, assim como o modelo abaixo.

Figura 2 – Exemplo de certificado



Fonte: Dados da pesquisadora

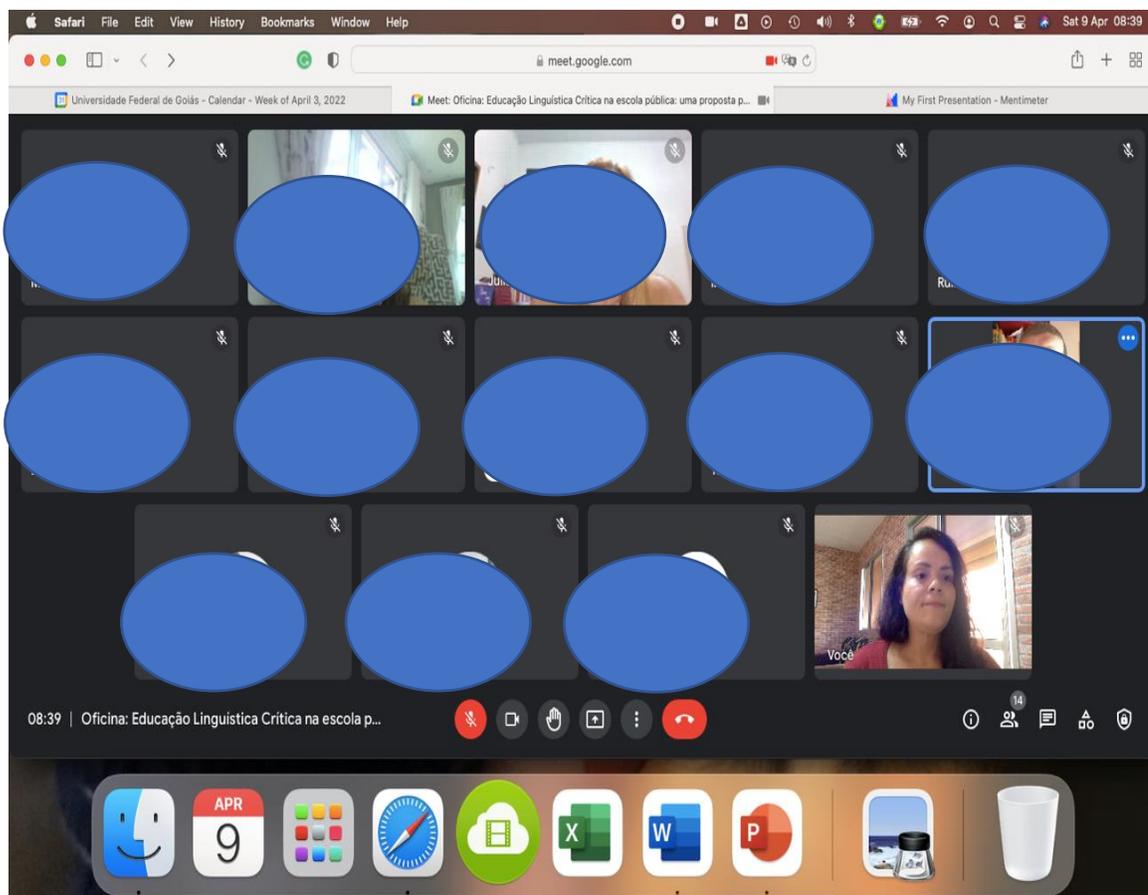
Foi criado um grupo de WhatsApp² para a interação entre as/os participantes e para o envio e compartilhamento de materiais de leitura e atividades realizadas por elas/es.

Quanto às inscrições, é importante destacar que foram realizadas 41 inscrições pelo *Google forms*, através do link: <https://forms.gle/hfjEQygsiUXWdcxC8>. Embora 41 pessoas tivessem realizado suas inscrições, apenas 12 participaram do primeiro encontro, realizado no dia 9 de abril de 2022. As razões para a diminuição no número de participantes efetivas/os no primeiro encontro são desconhecidas, mas acredito que possa ser devido às demandas pessoais e profissionais de cada pessoa ou pelo fato desta oficina ter acontecido durante uma manhã de sábado. Podem existir

² WhatsApp: Oficina Ed. Linguística

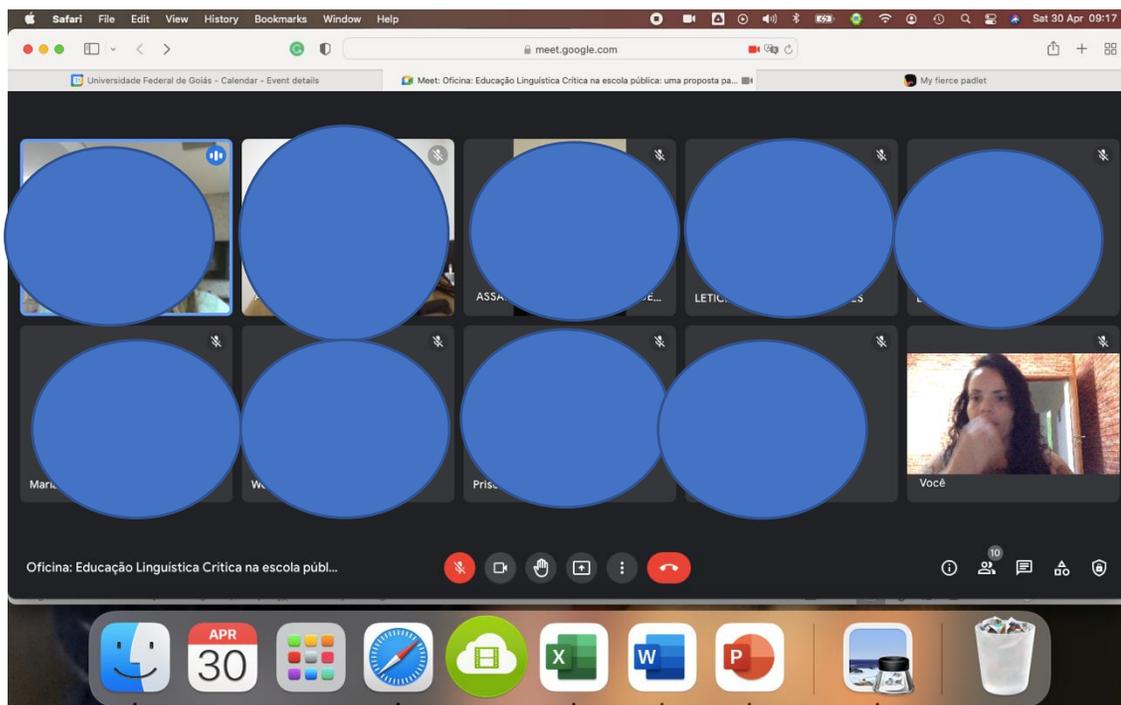
diversas outras razões para essa redução, mas essas não foram investigadas neste estudo. No segundo encontro, que aconteceu no dia 30 de abril de 2022, também em um sábado pela manhã, notei que o número de participantes diminuiu mais uma vez, de 12 para 10. Neste encontro, não tive acesso aos motivos da ausência das duas pessoas. Abaixo, apresento os *prints* de tela do primeiro e do segundo encontros.

Figura 3 - Print de tela do primeiro encontro – 9/04/2022



Fonte: Dados da pesquisadora

Figura 4 - Print de tela do segundo encontro – 30/04/2022



Fonte: Dados da pesquisadora

No tópico seguinte, detalho o primeiro e o segundo encontros e seus desdobramentos.

1.1 PRIMEIRO ENCONTRO E COMPARTILHAMENTO DE EXPERIÊNCIAS

Esta oficina foi composta pelos seguintes tópicos: estudo sobre o conceito de educação linguística crítica; reflexão sobre a concepção crítica-reflexiva do ensino de línguas adicionais na educação básica; análise crítica de modelos pedagógicos e; princípios e práticas de educação linguística crítica no ensino fundamental II e ensino médio.

Dessa maneira, para o primeiro encontro, foi enviado previamente pelo grupo de WhatsApp dois textos e um podcast, para que as/os participantes pudessem se preparar para as discussões do primeiro dia da oficina. Os textos e o podcast foram selecionados a partir da proposta principal da oficina, que é a de discutir uma educação linguística para o ensino de inglês na escola pública a partir de temas vivenciais. Os materiais utilizados foram:

1. PESSOA, R. R, **O que é ensino crítico?** [S.l.: s. n.], 2020, 1h41m11s publicado pelo canal Teaching in critical times. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T_76pk-oCns>. Acesso em 27 fev. 2022.

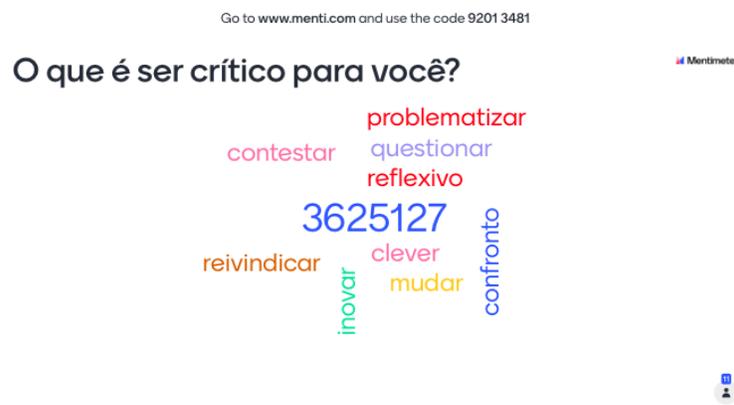
2. PESSOA, R. R.; ASSIS-PETERSON, A. A. de. Critical teacher education. **Aplient Newsletter**, Cuiabá, ano XII, n. 17, p. 3–4. 2012.
3. SILVESTRE, V. P. V. Ensinar e aprender língua estrangeira/adicional na escola: a relação entre perspectivas críticas e uma experiência prática localizada. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 61-84, 2015.

Sendo assim, o primeiro encontro foi realizado no dia 9 de abril de 2022, na sala de reunião do *google meet* (<https://meet.google.com/ozz-fadw-pia>). O material utilizado para orientar as discussões e para o compartilhamento de experiências resultantes da minha pesquisa estão disponíveis no link abaixo com acesso público:

https://drive.google.com/file/d/19Dlj_j7jnIGIoKEgCRYbFxrK5o4X2pUm/view?usp=sharing

A oficina foi organizada em quatro momentos. O primeiro teve duração de uma hora, com o objetivo de socializar informações pessoais, acadêmicas e profissionais. Assim, realizei uma breve apresentação da minha trajetória profissional e acadêmica, para que as/os participantes pudessem me conhecer e compreender minha práxis. Em seguida, as/os participantes também apresentaram quem eram e onde atuavam. Ainda neste primeiro momento, utilizei o site *Mentimeter* para a criação de uma nuvem de palavras sobre o que é ser crítico na opinião das/os participantes. Elas/es acessaram o seguinte site <https://www.menti.com/zbyj39vsj8> com o código 8362527 e responderam a pergunta. O resultado das respostas pode ser conferido abaixo, na Figura 5

Figura 5 – Nuvem de palavras



Fonte: Dados da pesquisadora.

Partindo das respostas fornecidas pelas/os participantes, é possível identificar que o que elas/es entendem do que é ser crítico coaduna com as definições que Pennycook (2004) defende em seus escritos. De acordo com o autor, ser crítico é uma forma de se problematizar a prática, além de conscientizar, racionalizar, emancipar com o intuito de confrontar, de questionar, de problematizar e de compreender o mundo. Partindo das respostas das/os participantes, iniciei uma discussão acerca do que é ser crítico dentro e fora da sala aula, o que foi muito produtivo e significativo.

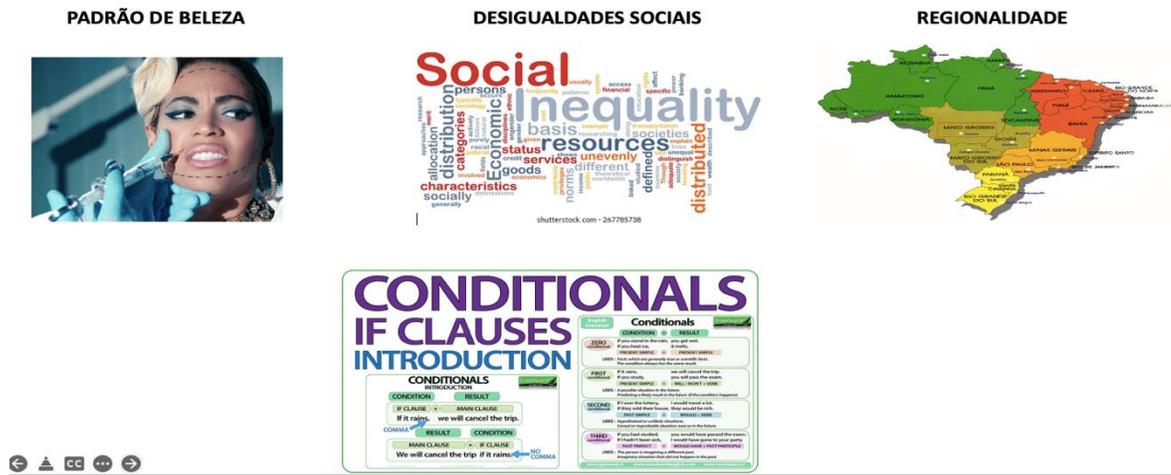
No segundo momento, apresentei as concepções teóricas e práticas sobre língua(gem), educação linguística, ensino crítico e uso de músicas nas aulas de línguas por uma perspectiva reflexiva, que foram os conceitos que fundamentaram minha pesquisa de mestrado. Para apoiar e guiar as discussões nessa etapa da oficina, utilizei os textos e o podcast que foram enviados previamente às/aos participantes pelo *WhatsApp*. Notei que realizaram a leitura e ouviram o podcast, pois o engajamento e a interação delas/es foram expressivos. As/os participantes compartilharam não apenas suas opiniões sobre os textos e o podcast, como também trouxeram exemplos de suas práxis a luz das teorias que discutimos. Considero que esse foi o momento da oficina que contribuiu bastante para a troca de experiências e vivências de sala de aula. Essa atividade foi pensada para acontecer em trinta minutos, mas devido ao engajamento e interesse nas discussões e compartilhamento de experiências, estendeu-se por uma hora. Por meio dos comentários das/os participantes, percebi como uma oficina voltada para professoras/es de línguas é um espaço rico para ensinar e aprender de forma coletiva e colaborativa.

Para o terceiro momento da oficina, compartilhei com as/os participantes as atividades que realizei em sala de aula, com o objetivo de mostra-las pelo viés da perspectiva reflexiva de ensino de línguas no contexto da escola pública. Essas atividades foram as que desenvolvi durante minha pesquisa de mestrado, intitulada “*Singing my song: (re)significando a educação linguística mediada por músicas*”. Nesse momento, apresentei como fiz uso de temas vivenciais aliados às músicas para promover uma educação linguística na escola pública. Mostrei como foi possível discutir temas como “Padrão de beleza”, “Desigualdades sociais” e “Regionalidade”, que fazem parte do contexto das/os estudantes durante as aulas de inglês. Demonstrei também como utilizei músicas e suas letras para provocar as discussões a partir dos temas vivenciais mencionados acima aliados as habilidades linguísticas da língua inglesa, a título de exemplo, as condicionais. Abaixo, trago

exemplos das atividades realizadas em sala de aula e as produções de algumas/alguns estudantes participantes da minha pesquisa de mestrado.

Figura 6 – Temas vivenciais

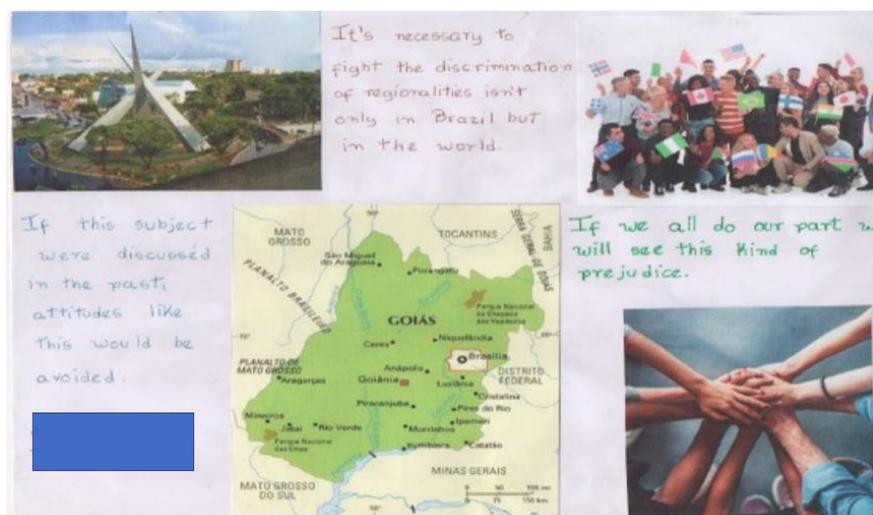
TEMAS VIVENCIAIS



Fonte: Dados da pesquisadora.

Figura 7 – Produções das/os participantes da pesquisa





Fonte: Dados da pesquisadora.

Esse momento de compartilhamento da minha práxis e parte da minha pesquisa de mestrado foi muito enriquecedor., além de ter contribuído para uma troca de experiências e uma outra perspectiva para o uso de músicas nas aulas de inglês aliadas a temas vivenciais que fazem parte do contexto das/os estudantes. Também foi possível compreender com exemplos reais como é o uso da língua como prática social, pois nesses momentos das aulas, as/os estudantes buscaram colocar suas vozes, ou seja, se posicionaram por meio da língua inglesa para expressar suas opiniões, questionamentos e ideias. A esse respeito, Moita Lopes (2012, p. 10) afirma que

[...] a natureza da sala de aula de línguas, que visa, em última análise, ao exercício da palavra, possibilita que se trate de qualquer tema. O que se deseja como professor(a) de línguas é o engajamento do aluno no discurso com a esperança que possa usá-lo para fazer escolhas éticas sobre o mundo social que espelhem a possibilidade de refutar qualquer tipo de sofrimento humano.

Partindo do que o autor discorre sobre a natureza da sala de aula de línguas, para o quarto e último momento do primeiro dia da oficina, solicitei às/aos participantes que escolhessem uma habilidade linguística de acordo com o interesse delas/es e um tema vivencial, levando em consideração seus respectivos contextos e as discussões realizadas durante a oficina, para que pudessem elaborar uma atividade Foi solicitado que cada participante vivenciasse atividade em seu ambiente educacional para que no segundo encontro da oficina elas/es viessem a compartilhar suas

experiências em sala de aula a partir do uso de temas vivenciais aliados a uma habilidade linguística.

A experiência do primeiro encontro desta oficina demonstrou, por parte da fala das/os participantes, a urgência de propostas como esta, no âmbito educacional, uma vez que, por meio desta oficina, elas/es puderam compartilhar não só experiências, mas também questionamentos, dúvidas, angústias a respeito de como promover uma educação linguística na escola pública. Acredito que, ter discutido sobre esse tema, ter lido autoras/es que dissertam acerca dessa perspectiva teórica, juntamente com exemplos da prática, contribuiu de maneira significativa para uma possível mudança na maneira que as aulas de línguas acontecem. Em outras palavras, penso que falar sobre uma educação linguística que tem como ponto de partida o contexto e o interesse das/os estudantes e que tenha também como objetivo principal promover a diminuição das injustiças sociais por meio da linguagem é um possível ato de transformação ou, como diria Freire (2000), uma educação libertadora.

1.2 SEGUNDO ENCONTRO E COMPARTILHAMENTO DE EXPERIÊNCIAS

O segundo encontro foi realizado no dia 30 de abril de 2022, na sala de reunião do *google meet* através do link <https://meet.google.com/cko-auwe-uby>. No primeiro momento deste encontro, foi organizado uma ordem para que cada participante compartilhasse com as/os demais sua vivência com as atividades desenvolvidas, levando em consideração as possibilidades e caminhos a partir da proposta teórica do primeiro encontro desta oficina. Das/os dez participantes presentes, apenas duas se prontificaram para compartilhar a atividade que desenvolveram em suas salas de aula, de acordo com o que foi estipulado no encontro anterior.

A primeira apresentação foi a respeito de uma atividade em que a participante optou em utilizar como tema vivencial a depressão e a habilidade linguística contemplada por ela foi a de “(EF09LI10) Propor potenciais argumentos para expor e defender ponto de vista em texto escrito, refletindo sobre o tema proposto e pesquisando dados, evidências e exemplos para sustentar os argumentos, organizando-os em sequência lógica” (BRASIL, 2017, p. 253).

De acordo com a professora, as/os estudantes se engajaram bastante nessa atividade, pois queriam contar suas histórias e dores. O fato de a professora ter utilizado a ferramenta digital *Padlet*, para que suas/seus estudantes pudessem relatar suas experiências e vivências com o tema

vivencial contemplado, permitiu que elas/es expressassem suas opiniões e questionamentos em inglês. A participante percebeu que suas/seus alunas/os utilizaram com certa facilidade e desenvoltura o inglês no mural criado por ela.

Partindo do relato da participante, fio-me que, esta oficina proporcionou um espaço e uma oportunidade para professoras/es de terem contato com uma perspectiva de uso da língua inglesa como uma prática social. A respeito disso, Moita Lopes (2012, p. 12) argumenta que:

É necessário formar professores ensinando-os a entender que linguagem é prática social. É lugar de fazer e desfazer a vida na interação cotidiana e que, portanto, pensar somente a língua com base em sua estrutura interna ou como espaço de comunicação esvaziado de relevância social é um desperdício educacional e político em tempos que o gênero, a sexualidade, a raça e a etnia são continuamente politizados, discutidos e desnaturalizados.

A segunda participante que compartilhou sua experiência, optou por utilizar como tema vivencial as motivações que as/os estudantes da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA) tinham para estudar e aprender inglês. Assim, ela questionou suas/seus estudantes por que elas/es precisavam aprender inglês, em que situações do dia a dia delas/es existia a presença da língua inglesa, o que elas/es ganhavam e/ou perdiam aprendendo inglês? Por meio do relato da participante, foi possível identificar que suas/seus estudantes, após uma observação de seus contextos e atitudes diárias, puderam notar a presença constante do inglês em diferentes esferas e situações.

A participante citou os exemplos dados por elas/es, como, na alimentação, no consumo de produtos, nas redes sociais, nos esportes, nos jogos, nas maquiagens, tecnologia, entretenimento, nas palavras na língua inglesa que elas/es utilizavam cotidianamente. A participante também levou suas/seus estudantes a refletirem quais os lugares que elas/es frequentavam, objetos que utilizavam e que tinham o nome em inglês. De acordo com a participante, muitas palavras foram colocadas como exemplos, muitas das quais elas/es não tinham percebido até então como a língua inglesa estava presente em seus dias. A meu ver, o engajamento e o interesse das/os estudantes na aula dessa participante da oficina se deram justamente pelo fato de ela ter observado e levado em consideração quem eram suas/seus estudantes, quais eram seus interesses e gostos, para, assim, apresentar a importância da língua inglesa como uma forma de prática social na vida delas/es.

Essa experiência relatada, demonstra a importância de se educar linguisticamente e que é imprescindível uma linguística crítica dentro do ambiente educacional, principalmente na escola

pública, onde as desigualdades sociais aparecem de maneira mais destacadas. Rajagopalan (2003, p. 12) afirma que “quando me refiro a uma linguística crítica, quero, antes de mais nada, me referir a uma linguística voltada para questões práticas”. Acredito que o compartilhamento das experiências, mesmo que em uma quantidade pequena, possibilitou um espaço para o aprendizado e o crescimento de todas/os as/os participantes.

Para finalizar, propus uma discussão e uma reflexão sobre a vivência de cada participante a luz das teorias estudadas. As/os participantes que estavam presentes, mas que não apresentaram, interagiram constantemente com as experiências relatadas e trouxeram contribuições de suas vivências para esse momento. Esse movimento é uma maneira de se educar para liberdade, não só as/os estudantes, mas também as/os professoras/es. hooks (2019, p. 35) entende que:

Quando a educação é a prática da liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar, a confessar. A pedagogia engajada não busca simplesmente fortalecer e capacitar os alunos. Toda sala de aula em que for aplicado um modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo.

Partindo do exposto, para finalizar, no próximo tópico, disserto como foi realizada a avaliação desses dois dias de oficina.

1.3 AVALIAÇÃO

A avaliação para esta oficina foi pensada da seguinte maneira: primeiro, as/os participantes foram avaliadas/os durante o primeiro encontro pela interação nas discussões, pelo compartilhamento de experiências e na escuta ativa ao longo das discussões. No segundo dia, as/os participantes tiveram que apresentar uma experiência vivenciada em suas salas de aula a partir das discussões teóricas ocorridas no primeiro encontro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A/o professora/professor que se depara com situações em sala de aula que evocam uma postura mais crítica e questionadora, tanto por parte dela/e quanto por parte das/os estudantes, pode encontrar obstáculos provocados por diversos fatores relacionados ao sistema educacional, ao seu processo de formação inicial e/ou continuada, à suas próprias limitações pessoais, à escassez de recursos, entre outros, resultando, assim, na inviabilização de uma atitude mais ativa e transgressora, que contribua para transformar o cenário escolar e o meio social, ou seja, que seja uma prática da liberdade. Para hooks (2019, p. 25):

A educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. Esse processo de aprendizado é mais fácil para aqueles professores que também creem que sua vocação tem um aspecto sagrado; que creem que nosso trabalho não é o de simplesmente partilhar informação, mas sim o de participar do crescimento intelectual e espiritual dos nossos alunos. Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar condições necessárias para que o aprendizado possa começar do modo mais profundo e mais íntimo.

Dessa forma, a educação linguística precisa ir além de estruturas gramaticais, de textos para traduzir ou de músicas com o propósito apenas de cantar por cantar ou preencher lacunas. É imprescindível que ao ensinar uma língua estrangeira se busque utilizar a língua como uma prática social que liberte e que tenha a possibilidade de transformar as/os estudantes e que, elas/es a utilize para se expressar, se posicionar, para questionar, para criar como também para transformar de maneira relevante as esferas em que está inserido.

Nessa perspectiva, quando pensei em propor uma oficina como produto educacional resultante da minha pesquisa de dissertação, tinha em mente promover uma oportunidade para que professoras/es pudessem dialogar com as teorias que discutem acerca de uma educação linguística crítica com a prática de sala de aula que elas/es possuem, além de promover uma troca de experiências no âmbito educacional.

Em suma, acredito que esta oficina foi uma maneira de promover um momento de troca de experiências, de conhecimento, bem como, um espaço para questionamentos e aprendizagem, de maneira coletiva. Esta oficina promoveu também um momento de investigação, de ação e de reflexão além de ter aliado o trabalho individual e um momento de socialização das práticas e vivências das/os participantes.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4 ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2006.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 05/05/2022.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- HOOKS, B. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. 2ª ed. 3ª triagem. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2019.
- _____, **Ensinando pensamento crítico: sabedoria e prática**. Tradução Bhuvi Libanio. São Paulo. Elafante, 2020.
- MOITA LOPES, L.P. Linguagem e a escola na construção de quem somos. *In*: FERREIRA, A. J. (Org.). **Identidades Sociais de Raça, Etnia, Gênero e Sexualidade: Práticas pedagógicas em sala de aula de línguas e formação de professores**. Campinas, SP. Pontes Editores, 2012 p. 9-12.
- MURPHEY, T. **Music and Song**. Oxford: Oxford University press, 2015.
- _____. **Critical applied linguistics: a critical introduction**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2001.
- PESSOA, R. R.; ASSIS-PETERSON, A. A. de. Critical teacher education. **Aplicam Newsletter**, Cuiabá, ano XII, n. 17, p. 3–4. 2012.
- _____, **O que é ensino crítico?** [S.l.: s. n.], 2020, 1h41m11s publicado pelo canal Teaching in critical times. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T_76pk-oCns>. Acesso em 27 fev. 2022.
- RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica: Linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- REZENDE, T. F. Posfácio. *In*: SILVESTRE, V. P. V. **Colaboração e crítica na formação de professores/as de línguas: Teorizações construídas em uma experiência com o PIBID**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017 p. 279 -289.
- SILVESTRE, V. P. V. Ensinar e aprender língua estrangeira/adicional na escola: a relação entre perspectivas críticas e uma experiência prática localizada. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 61-84, 2015.
- VIEIRA, E.; VOLQUIND, L. **Oficinas de ensino? O quê? Por quê?** 4ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.